

O “espírito alemão” na formação do pensamento geopolítico japonês durante o Entre-Guerras

Pedro Curado¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é identificar a influência do pensamento geopolítico alemão no desenvolvimento das escolas de estudos estratégicos e militares do Japão na primeira metade do século XX. Em particular, o texto faz referência às relações do influente geógrafo alemão Karl Haushofer com as instituições de pesquisa japonesas, destacando a forma como suas ideias foram recebidas e incorporadas no cenário japonês por acadêmicos e políticos locais. Ao longo do texto, argumenta-se que a difusão internacional da abordagem geopolítica alemã apresenta elementos duplamente atrativos para as potências emergentes da época: se por um lado havia a defesa da formação de sistemas continentais autárquicos sob a liderança de um Estado-líder no âmbito regional, por outro lado representava um caráter eminentemente contrário ao imperialismo britânico e seu propagado liberalismo econômico. Tais considerações são facilmente reconhecidas na profusão de conceitos e teorias produzidos por autores alemães e incorporados de maneira adaptada pelos principais *think tanks* e centros universitários próximos ao governo japonês durante o Entre-Guerras. **Palavras-chave:** Escola Geopolítica de Quioto, Karl Haushofer, Cooperação Internacional.

Resumen: El objetivo del presente artículo es identificar la influencia del pensamiento geopolítico alemán en el desarrollo de las escuelas de estudios estratégicos y militares de Japón en la primera mitad del siglo XX. En particular, el texto hace referencia a las relaciones del influyente geógrafo alemán Karl Haushofer con las instituciones de investigación japonesas, destacando la forma en que sus ideas fueron recibidas e incorporadas en el escenario japonés por académicos y políticos locales. A lo largo del texto se argumenta que la difusión internacional del enfoque geopolítico alemana presenta elementos doblemente atractivos para las potencias emergentes de la época: si por un lado había la defensa de la formación de sistemas continentales autárquicos bajo el liderazgo de un Estado líder en el ámbito regional, por otro lado representaba un carácter eminentemente contrario al imperialismo británico y su propagado liberalismo económico. Tales consideraciones son fácilmente reconocidas en la profusión de conceptos y teorías producidos por autores alemanes e incorporados de manera adaptada por los principales *think tanks* y centros universitarios cercanos al gobierno japonés durante las guerras. **Palabras-clave:** Escuela Geopolítica de Kioto; Karl Haushofer; Cooperación internacional.

¹ Doutor em Economia Política Internacional pela UFRJ. Pós-Doutor pelo Instituto de Economia da UFRJ. Professor Adjunto do curso de Defesa e Gestão Estratégica Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. pedro.917@gmail.com

Introdução

O texto objetiva analisar o processo de difusão do pensamento geopolítico alemão no Japão durante o Entre-Guerras, tendo como referência o papel-chave exercido por Karl Haushofer. Para tanto, o texto está dividido em três partes. A primeira parte é dedicada à apresentação das principais ideias do pensamento do geógrafo alemão Karl Haushofer, destacando em sua trajetória a relação que manteve com as instituições de pesquisa japonesas. Em seguida, realiza-se um levantamento das principais escolas voltadas para a produção de trabalhos na área de geopolítica formadas no Japão entre as décadas de 1920 e 1940, observando, por um lado, o papel das ideias de Haushofer em alguns destes trabalhos e, por outro lado, a maneira como certos trabalhos influenciavam os tomadores de decisão no governo japonês. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

1. As relações entre Alemanha e Japão e o papel de Karl Haushofer

Ao longo de sua carreira, Karl Haushofer manteve uma relação afetiva e profissional com o Japão, tendo dedicado ao país parte de seus trabalhos. A relação entre militares e acadêmicos dos dois países não era algo incomum. Em particular, desde a Restauração Meiji no Japão (1868-1912) e a ascensão de Guilherme II na Alemanha (1888-1918), os dois países reforçaram os laços diplomáticos, sendo este um dos fatores que viabilizaram a ida de Haushofer ao Japão como observador militar em 1909. A relação construída entre este autor e o Japão contribuirá para a incorporação dos estudos de geopolítica de verniz alemã nos centros de pesquisa militares e civis do Japão. Como se verá a seguir, tal relação começa a ser construída em um momento anterior, ainda durante o Xogunato Tokugawa.

1.1 Antecedentes da relação entre Alemanha e Japão

Os antecedentes das relações diplomáticas entre Japão e Alemanha datam de 1861, quando se deu o Tratado Prussiano-Japonês (SPANG e WIPPICH, 2006). Tal eventos se inscrevem no contexto dos tratados comerciais desiguais firmados entre potências europeias e outras nações ao redor do globo. O Tratado permaneceu praticamente inalterado até 1899, quando abolido do Japão pela dinastia Meiji (1868-1912). Durante o último quarto do século XIX, as atenções da política externa

alemã estavam principalmente centradas na Europa, sendo dada pouca atenção ao leste asiático.

A despeito da diplomacia de baixa intensidade feita por Berlim, o Japão e, em especial, a academia japonesa, demonstrava interesse em reforçar os laços com a Alemanha para tê-la como parceira para a modernização das instituições estatais, em especial alguns setores-chave como o militar. Os esforços no campo diplomático repercutiram na intensificação das trocas na esfera acadêmica e incorporaram diferentes áreas da produção científica.

A Guerra Sino-Japonesa (1894-5) marca, no entanto, o estremecimento da relação entre os dois países, dado que a vitória japonesa levou a Alemanha, a França e a Rússia a protestarem contra o expansionismo territorial do imperador nipônico. Os alemães, buscando se aproximar da Rússia Czarista, denunciavam o “perigo amarelo” vindo da Ásia (TORU, 2016; AKIRA, 2006). Naquele contexto, temia-se por parte dos japoneses o expansionismo russo, a exemplo do que ocorrera com a supressão da Revolta dos Boxers em 1900 e a ocupação russa da Manchúria. Por sua vez, o crescimento das tensões entre Rússia e Japão era percebido pelos alemães como uma forma de manter os russos ocupados no front leste, o que resultava numa fronteira oeste desguarnecida (WIPPICH, 2006). A guerra entre Rússia e Japão efetivamente ocorreu entre 1904 e 1905, tendo como razão as pretensões expansionistas de ambos os países na Manchúria e na Coreia.

Dois anos depois, entretanto, com o início da Guerra Anglo-Russa (1907-12), Japão e Rússia voltaram a estabelecer relações próximas. Neste contexto, Guilherme II da Alemanha começou a elaborar alianças internacionais baseadas numa estratégia pautada na formação de círculos de contenção do imperialismo de França, Rússia e Grã-Bretanha (WIPPICH, 2006). A aproximação diplomática com o Japão, contudo, somente ocorreria após a Primeira Guerra Mundial. Durante a Guerra, o Japão se manteve do lado oposto ao da Alemanha, buscando expandir sua esfera de influência no Pacífico e na China através da conquista de concessões territoriais alemães na região.

Apenas no contexto do Entre-Guerras tornou-se possível verificar a existência de condições para uma retomada das relações em nível diplomático entre Japão e Alemanha. Em pouco tempo, as trocas de informações e a cooperação para formação de quadros dos dois países se fortaleceram (SPANG e WIPPICH, 2006).

Além disso, é possível verificar, nos anos da República de Weimar (1919-1933) e do Japão do imperador Taisho (1912-1926), a proliferação de iniciativas entre a sociedade civil, mobilizando acadêmicos, artistas, homens de negócios e militares. Exemplos do fortalecimento dessas alianças em diferentes áreas são a criação de associações como a “Nichi-Doku Kyokai” (Sociedade Japonesa-Alemã) e a “Deutsch-Japanische Gesellschaft” (Sociedade Alemã do Leste Asiático). Entre os anos de 1929 e 1932, a Alemanha foi o principal destino europeu de acadêmicos bolsistas do governo japonês, recebendo cerca do dobro de estudantes japoneses que o resto somado de toda a Europa (TETSURO, 2006). Gunther Haasch sintetizou essa relação da seguinte maneira:

Diplomatic relations between Japan and Germany were restored in 1920. In 1926 a cultural research institute on Japan was founded in Berlin, 1927 its sister institute, the Japanese-German Cultural Institute, came into existence in Tokyo. Both institutes were supervised and partly funded by the Japanese and German Foreign Offices. On the Japanese side, the main promoter of this new form of cultural foreign policy was Goto Shinpei, on the German side the institute was promoted by Wilhelm Solf, then ambassador in Tokyo, and the scientist Fritz Haber. The first Japanese Professor to work at the Berlin research institute was Kanokogi Kazunobu, a philosopher from Kyushu Imperial University and a political visionary influenced by the concepts of geopolitics and Pan-Asianism. He became president of the “German-Japanese Study Group” formed by his German and Japanese students (HAARSCH *apud* TETSURO, 2006: 121).

No que diz respeito ao campo militar, as Forças Armadas do império nipônico não apenas seguiram o “modelo alemão” em termos de táticas, treinamento e organização militar, mas também no que concerne à posição privilegiada de militares em cargos do Estado e da sociedade (SAALER, 2006). A própria Constituição Meiji, por ter sido inspirada na Constituição alemã, definia o monarca como supremo comandante e um comando militar geral e independente para executar as tarefas militares. Como aponta Sven Saaler (2006), a forte influência da propaganda germânica na percepção dos responsáveis pelas Forças Armadas nipônicas se expandiu após a Primeira Guerra Mundial.

Embora as relações posteriores entre o governo japonês e o regime nazista tenham sido instáveis mesmo no período de guerra, o intercâmbio militar, comercial e acadêmico não deixou de florescer. Estimulado pelo comportamento belicista e expansionista dos sucessivos governos japoneses, o pensamento geopolítico inspirado em autores alemães adquiriu boa recepção nos meios universitários e

entre os analistas de política externa do Japão (SPANG, 2006). Por detrás dessa particular influência estava a figura de Karl Haushofer, influente geógrafo alemão e estudioso de assuntos japoneses. As principais ideias deste autor e o papel que o Japão exerceu na sua formulação de uma estratégia para a projeção geopolítica alemã serão tratados a seguir.

1.2 A geopolítica alemã e as ideias de Haushofer: formação, influências e legado

Karl Haushofer nasceu em 1869, de uma família acadêmica de Munique. Em 1887, se junta às Forças Armadas da Bavária. Entre 1909 e 1910, passa 18 meses viajando como observador militar pelo leste da Ásia, incluindo Japão, Coreia, Manchúria e China. Após retornar à Alemanha, passa a ensinar História na Academia Militar de Munique. Na condição de acadêmico, dedica grande parte de sua produção ao Japão e o Oceano Pacífico. Com estabelecida reputação, funda o periódico “Zeitschrift für Geopolitik”. Torna-se igualmente fundador e membro da Academia Germânica, além de fazer aparições constantes nas rádios para discutir a situação política internacional.

Karl Haushofer, junto com outras figuras proeminentes da geografia e da ciência política alemã (como O. Maull, E. Obst e R. Henning), foi responsável pela criação do Instituto de Geopolítica de Munique. Tal instituição rapidamente adquiriu fama pelo volume de produção e pela capacidade de influenciar na tomada de decisões políticas do III Reich (COSTA, 2013).

Diversos autores reconhecem a importância de Haushofer para a proliferação global dos estudos em geopolítica. Para Mário Losano (2008), Haushofer fez com que a geopolítica saísse do âmbito das reflexões políticas ou acadêmicas para tornar-se uma teoria que dirige ou justifica a ação política. Sobre seu impacto internacional, Wanderley Costa (2013) lembra que as obras desse autor serviram como inspiração para inúmeros estudos antes e depois da Segunda Grande Guerra, sendo este fenômeno particularmente observável nos ambientes dos “Estados maiores” dos países em desenvolvimento.

As influências de Haushofer variavam entre: 1) as ideias social-darwinistas de Herbert Spencer, William Summer e Ernst Haeckel, além de outros; 2) os estudos raciais iniciados por Joseph-Arthur Gobineau e Houston Chamberlain; 3) o

romantismo alemão, corrente crítica ao racionalismo iluminista e inspirada em figuras como Johann von Herder e Fichte; 4) Friedrich Ratzel, o “pai da geografia política” e fundador da Liga Pangermânica. Ratzel foi também o responsável pela criação de importantes conceitos, posteriormente seguidos pela produção geopolítica alemã e de diferentes países. Este é o caso tanto do conceito de “Lebensraum” (espaço-vital) como das “leis de crescimento dos Estados”; 5) Entre autores germanófilos, Rudolf Kjellén, inventor do termo “geopolítica” e da teoria do “Estado-enquanto-organismo-vivo” que combinava biologia com geografia, história e ciência política (SPANG, 2006; COSTA, 2013; MELLO, 1999).

Para definir elementos que apontem para uma estratégia geopolítica de Estado, Haushofer inspira-se na contraposição entre terra e mar feita por Halford Mackinder, que equivale à contraposição entre Europa continental e mundo anglo-saxão. Segundo esta visão, a Terra estaria associada à soberania, e o mar à liberdade, isto é, não submetido ao espaço nacional. Verificava-se, assim, um ininterrupto conflito na história universal entre potências marítimas e potências terrestres, enquanto Estados localizados entre estes dois pesos deveriam se organizar em “Pan-regiões” fundadas em “Pan-ideias” ou, do contrário, estariam condenados à eterna instabilidade (LOSANO, 2008; COSTA, 2013).

As Pan-ideias são os sistemas de compreensão nos quais o mundo se organiza. As quatro principais Pan-ideias identificadas por Haushofer eram o pan-asiatismo, o pan-islamismo, pan-americanismo e o pan-europeísmo. Como observou Mário Losano:

Com base nessa visão, Haushofer propunha criar algumas grandes áreas de dimensões continentais que, de Norte a Sul, compreendessem, cada uma, uma zona ártica, uma temperada e uma tropical. Isso permitiria a cada região ser autossuficiente. (LOSANO, 2008: 451).

Se, por um lado, a Pan-ideia serve como condição para a formação de uma Pan-região organizada para funcionar de maneira autônoma, por outro lado, o conceito de “autarquia” é usado por Haushofer para definir idealmente como seriam organizadas essas regiões autossuficientes. Para que isso ocorresse, segundo o autor, era necessário alcançar em cada uma dessas regiões uma união político-comercial. Uma vez integradas, cada uma dessas Pan-regiões funcionaria como uma autarquia organizada de modo hierárquico entre Estados periféricos fornecedores de matérias primas e um Estado-guia. Haushofer identificava o

potencial para a formação de quatro grandes Pan-regiões no globo, sendo elas: a) a Eurásia (Europa, África e Oriente Médio), sob a liderança da Alemanha; b) a Pan-Rússia, que incluiria Rússia, Índia e Irã e estaria sob a liderança russa; c) a Pan-América, que abarcava o continente americano sob o controle dos Estados Unidos; e d) a Zona de co-prosperidade asiática, formada por Japão, China Sudeste Asiático e Oceania e dominada pelos japoneses.

Em um segundo momento, já em 1941 e sob os impactos produzidos pelo desenrolar da Segunda Guerra Mundial, Haushofer abandona o modelo das Pan-regiões para imaginar um mundo bipolar. O autor redireciona sua defesa de um projeto geopolítico para a construção do bloco eurasiático anti-britânico a partir da aliança de três das quatro lideranças: Alemanha, Rússia e Japão. Naquele ano, o autor fez a seguinte previsão:

O crescimento dos novos grandes espaços continentais e sua proteção mediante a força aérea significavam a ruína do Império Britânico; será derrotado e pulverizado entre estas forças em expansão. Com o Japão por companheiro, com os recursos da Rússia à nossa disposição, o cerco em torno da Inglaterra se aperta cada vez mais. Sobre o horizonte surge agora um novo bloco euroasiático em formação. Estende-se da Espanha até a Sibéria, da Noruega até a África (HAUSHOFER apud MELLO, 1999: 80).

Entre as extremidades do Japão e da Alemanha, existiria uma extensão territorial pacífica que compreenderia a Europa oriental e a União Soviética. O autor defendia uma união voluntária dos entes estatais compreendidos no bloco continental (LOSANO, 2008). Embora seja notável a importância conferida pelo autor para a aliança entre Alemanha e Japão tendo a Rússia como espaço de ligação terrestre entre as duas pontas, seu impacto acabou sendo limitado (ou nulo) em função da invasão alemã em território soviético em junho de 1941. Assim, para além dos aspectos metodológicos, a principal proposição geopolítica original de Karl Haushofer a impactar sobre a pesquisa japonesa foi a concepção de uma zona de co-prosperidade asiática comandada pelo Japão.

O destaque dado por Haushofer à possibilidade do Japão adquirir e consolidar o papel de liderança sobre os países de seu entorno regional não teria obtido a mesma divulgação nos meios acadêmicos, políticos e militares japoneses se o autor já não fosse anteriormente conhecido nestes círculos. As relações de Haushofer

com o Japão têm início antes da produção bibliográfica deste autor, que é construída a partir da experiência de suas viagens ao país.

2. A relação de Haushofer com o Japão

A ida de Haushofer para o Japão foi fundamental para a formação de sua visão geopolítica, assim como para a definição de um de seus principais objetos de estudos acadêmicos (LOSANO, 2008). Depois de sua volta, o autor passa a publicar diversos trabalhos sobre o Japão, como seu primeiro livro “Dai Nihon” (1913) e sua Tese de doutorado (1914), defendida no Departamento de Geografia da Universidade Ludwigs-Maximilians de Munique (SPANG, 2006; TAKEUCHI, 2000). Ao longo de sua carreira acadêmica, cerca da metade de suas publicações tratavam de assuntos asiáticos (SPANG, 2006).

Nas diversas viagens que o autor realizou ao país, pôde travar contato com generais e homens de Estado japoneses como Goto Shinpei, Ito Hirobumi, Katsura Taro ou Terauchi Masatake, etc. Mantinha igualmente contatos próximos com a embaixada do Japão em Berlim (SPANG, 2006). As relações pessoais construídas ao longo dos anos serviram como um forte veículo de entrada das ideias de Haushofer no Japão, já que sendo conhecido entre estrategistas militares, políticos, jornalistas e o meio acadêmico, seus trabalhos encontravam fácil demanda para tradução entre editoras comerciais e periódicos. Por volta de 1940, a maior parte de sua bibliografia já havia sido efetivamente traduzida (SPANG, 2006). O interesse japonês em geopolítica nesse período é igualmente explicado em função da estratégia oficial do Estado japonês de fomentar a construção de uma grande esfera de co-prosperidade no Leste-Asiático, como será visto a seguir.

2.1 As formação das três principais escolas de estudos geopolíticos no Japão do Entre-Guerras

A influência de Haushofer foi determinante para o surgimento da geopolítica no Japão (DUSSOUY, 2006). O estrategista alemão não apenas tornou-se ele mesmo um estrategista de referência, como contribuiu para que a literatura alemã que versava sobre geopolítica fosse amplamente traduzida. Nos novos departamentos de geografia criados na primeira metade do século XX, como era o caso, por

exemplo, da Escola Geopolítica de Quioto, Ratzel era largamente lido (TAKEUCHI, 2000).

Para além da influência exercida por Haushofer, alguns autores japoneses foram fundamentais para que se completasse o processo de transferência da abordagem metodológica. Entre os anos 1920 e 1940, ao menos três grandes escolas de geopolítica se destacavam (DUSSOUY, 2006). A primeira dizia respeito a dois centros de estudos localizados em Tóquio, sendo eles a “Sociedade do Pacífico” e a “Sociedade Japonesa de Geopolítica” (SLANG, 2006).

Ambos faziam um trabalho de tradução dos escritos de Haushofer, assim como reuniam acadêmicos, políticos e militares para comentar os textos deste autor. No que diz respeito aos trabalhos originais produzidos por essas instituições, era comum verificar a importação dos conceitos e da visão estratégica da geopolítica alemã para adaptá-la ao império nipônico. Como exemplo, era recorrente o uso de conceitos-chave como “espaço vital”. Se por um lado os seguidores dessa linha eram minoritários no meio acadêmico, por outro lado essa transferência do modo de ler a geopolítica provinda da Alemanha para o Japão tornou-se bastante comum no meio jornalístico de Tóquio responsável pela cobertura internacional.

Já a segunda escola se desenvolve em Quioto de forma autônoma e está relacionada à iniciativa do geógrafo Komaki Saneshige, tendo sido ele o responsável pela publicação de um manifesto geopolítico japonês contendo ideias anti-ocidentais e pró-imperialistas, em 1940. A “Escola Geopolítica de Quioto”, como ficou conhecido o grupo de acadêmicos ligados à Universidade Imperial de Quioto, foi criada em 1907 e teve na figura de Jin Yonekura um de seus principais impulsionadores.

A terceira vertente possível de ser identificada era reconhecida como oficial pelo império japonês. Surgiu em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, com o nome de Sociedade Japonesa de Geopolítica. Seu objetivo era mobilizar cientistas e notáveis que já trabalhassem com uma abordagem geopolítica para servir como apoio para os estrategistas e responsáveis pela formulação da política externa do governo japonês. Assim, criou-se oficialmente um veículo para o contato entre a produção dos autores das duas escolas anteriormente citadas e a burocracia do Estado nipônico. Como resultado, o objetivo de se realizar no leste asiático a conformação de uma esfera de coabitação autárquica sob a liderança japonesa

tornou-se a orientação primeira das estratégias traçadas naquele instituto. Segundo Dussouy (2006), essa nova e oficial geopolítica japonesa, a despeito de seus esforços, não produz consenso sobre quais linhas o Estado deveria seguir no plano internacional.

2.2 A influência da produção acadêmica entre os tomadores de decisões

Karl Haushofer teve interesse em influenciar os formuladores da política externa japonesa. O autor alemão preocupou-se em fazer com que suas principais publicações chegassem às mãos de influentes oligarcas e representantes da classe política daquele país. Entre aqueles que receberam seus trabalhos estavam o três vezes primeiro ministro Kono Fumimaro, o ministro das relações exteriores Matsuoka Yosuke, o general Araki Sadao, além de outros (SPANG, 2006).

No período de Haushofer, a influência e o interesse alemão em consolidar uma parceria com o governo japonês era bem vista do lado nipônico. Dado que o exército japonês havia sido reformado a partir do modelo prussiano, era comum que entre membros do alto escalão militar se buscasse referências no que era produzido em termos de estratégia e geopolítica na Alemanha. Haushofer, portanto, beneficiava-se dessas condições facilitadoras para se estabelecer como uma das principais referências nos trabalhos japoneses. Como observou Christian Spang (2006),

Haushofer's position was based both on his double career as a military officer and an influential academic as well as on his first-hand experiences in East Asia. He was known in Germany and within pro-German circles in Japan, where his writings were translated and widely read. The Japanese as well as the Nazis saw Haushofer as one of the foremost experts on East Asian affairs. This allowed him to play an important role in the bilateral rapprochement of the 1930s. (...) On the Japanese side, the interest in Haushofer's writings can only be understood in connection with pro-German academics, political advisers and officers planning the Greater East Asian Co-Prosperity Sphere and considering a joint war against the so-called A-B-C-D coalition, i.e. against America, the British Empire, China and the Dutch East Indies (today's Indonesia). By the late 1930s, the Japanese army was essentially unprepared for the southward advancement, i.e. the occupation between the general staff and the Kyoto school of geopolitics (SPANG, 2006:150).

Para a divulgação local dos trabalhos de Haushofer, nenhuma outra instituição ofereceu maior serviço do que a Escola Geopolítica de Quioto. Esta era liderada por Sineshige Komaki, e incluía grupos de jovens geógrafos e cientistas políticos que se

reuniam em um imóvel próximo da universidade Imperial de Quioto uma vez por semana. Komaki, autor de renome no cenário nacional japonês, publicou em 1940 o “Manifesto da geopolítica japonesa”, no qual lia-se uma defesa da originalidade da abordagem japonesa no que concerne à geopolítica, especialmente porque remetia aos tempos do antigo Japão feudal (DITTMER e SHARP, 2014). Conhecido como “Yoshida no Kai”, o grupo da Escola Geopolítica de Quioto cooperava com os altos círculos militares, especialmente durante o período de guerra. A relação profunda desenvolvida entre esta escola e a setores militares do poder japonês é atestada pela direção do general Takashima Tatsuhiko que, a partir de 1938, passou a dirigir as pesquisas do Instituto (SHIBATA, 2014). Em termos de estrutura, a Escola contava com financiamento de setores privados da área de Kansai e mantinha relações próximas com o “Joho-bu” (divisão de Inteligência militar). Além disso, estava ligada com o Departamento de Imprensa e Propaganda para as esferas doméstica e internacional. Como se vê, as Forças Armadas do Império japonês exerciam forte influência na Escola Geopolítica de Quioto (SHIBATA, 2014).

No contexto internacional, até o final dos anos 1930, as Forças Armadas japonesas direcionavam suas atenções para a guerra com a China e um possível conflito com a União Soviética. Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939 e os decorrentes conflitos no sudeste asiático, faltava aos militares japoneses conhecimentos específicos para definir uma estratégia para aquela região. Foi então que os geopolíticos da Escola de Quioto foram chamados para integrar definitivamente o processo de tomada de decisão no alto comando militar e na esfera diplomática sobre os rumos da política externa (SPANG, 2006).

O grupo de Quioto e, em particular Sineshige Komaki, aproveitava os recursos que militares e autoridades ministeriais direcionavam para eles. O ativismo da Escola Geopolítica de Quioto era funcional aos olhos de setores das forças militares, pois reforçavam o peso e o apreço desta instituição junto à opinião pública. Um exemplo disso é o fato da Escola possuir dentre suas metas produzir o enraizamento da geopolítica na cultura popular japonesa através da difusão de ideias específicas por meio de veículos da mídia e da incorporação de sua visão geopolítica em manuais escolares. Para tanto, defendiam o excepcionalismo da história japonesa e o papel da tradição espiritual do país. Isso significava, por um lado, criticar o III Reich por ser um novo modo de imperialismo europeu e pela forma como o nazismo via a

“raça amarela”, mas por outro lado significava incorporar elementos interpretativos do Instituto de Geopolítica de Munique, e em especial aqueles apresentados nos trabalhos de Haushofer. Como exemplo, estava a ideia, central para uma geopolítica japonesa, do “Asiatismo” como ideologia pela qual os países da Ásia deveriam se integrar para a formação de uma “zona de co-prosperidade asiática”, i.e., uma comunidade autônoma sob a liderança do Japão (SPANG, 2006; DUSSOUY, 2006). Como observou Takeuchi,

In numerous published writings, the geopoliticians of Kyoto remarked on the economic problems of Japan caused by the dominance of the Western powers in East Asia, and on the racial discrimination against the Japanese, which considerably affronted the Japanese public. Yet at the same time, these authors sensed that the mere exposure and condemnation of Western imperialism was insufficient to legitimize similar Japanese imperialist policies. As an alternative ideology, they were obliged to construct “Asianism”, a communal state centered on the Ten no family and applied to the Asian community as a whole. In order to exalt this communalism, they mobilized an indigenous ideology which underlined familial and pseudo-familial ties as the basis of social organization. In doing so, they centered the logic of the apparently divinely-inspired discourses derived from Japanese mythology. Moreover, this logic was applied to the vagaries of competition among nation-states at the height of the imperialist era (TAKEUCHI, 2000: 81).

Ainda segundo Takeuchi (2000), a incorporação de elementos românticos relacionados a aspectos culturais era também uma forma de neutralizar as críticas correntes endereçadas à Escola Geopolítica de Quioto de simplesmente transpor as criticadas estratégias imperialistas ocidentais para o estado japonês.

Em agosto de 1940, o ministro das relações exteriores do Japão, Yosuke Matsuda, proclamou uma estratégia de inserção internacional baseada na “Esfera de co-Prosperidade Asiática”, como parte do desenvolvimento do conceito de uma “Nova Ordem no Leste Asiático”. Efetivamente pela intenção de institucionalizar e facilitar a participação especialmente dos membros da Escola Geopolítica de Quioto junto aos formuladores da política externa, foi criada em 1941 a Associação Japonesa de Geopolítica. Sua principal publicação, o periódico mensal “Chiseigaku”, rapidamente tornou-se o mais influente a tratar de assuntos relacionados à política internacional japonesa durante os anos em que foi impresso, entre janeiro de 1942 e novembro de 1944. Por detrás dessa parceria, estava a principal orientação da política externa japonesa definida pelos seus estrategistas: fomentar a construção de uma esfera de co-prosperidade asiática sob o domínio japonês.

Considerações finais

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, boa parte dos documentos e trabalhos produzidos pela Associação japonesa de Geopolítica foram voluntariamente destruídos com a rendição japonesa e a chegada das forças de ocupação em 1945. A vinculação ideológica destes trabalhos ao projeto de um Japão potência e imperialista fez com que seus autores fossem em grande medida ostracizados, a exemplo do que ocorreu com os textos do próprio Haushofer no pós-guerra. Diversos autores da Escola Geopolítica de Quioto e da Associação Japonesa de Geopolítica foram forçados à demissão, ao menos até o fim da ocupação americana em 1952.

A despeito do final trágico, cumpre aqui destacar o caráter particular pelo qual a transferência de um determinado saber entre duas culturas políticas relativamente distantes ocorreu. O objetivo explícito de muitos dos estudos em geopolítica no Entre-Guerras era servir como suporte prático aos tomadores de decisões políticas, especialmente na esfera internacional. Sob a influência da produção alemã, a difusão desses estudos não ocorreu apenas no Japão, mas pôde ser vista em diferentes partes do mundo, incluindo países como o Brasil. Existiam tendências próprias do contexto histórico que reforçavam o caráter apelativo das teorias geopolíticas, como a concepção de Estados ou zonas geográficas autossuficientes, reforçadas pelo desencantamento com o liberalismo econômico. Ademais, a forma como ocorreu o fim da Primeira Grande Guerra e a instabilidade do sistema internacional reforçavam a multiplicação de estratégias expansionistas, especialmente em uma Europa com diversas fronteiras recém-definidas após a guerra.

Assim, quando buscou-se aqui mapear os agentes e os mecanismos de transmissão deste saber científico, destacou-se o papel de instituições e atores, especialmente de Karl Haushofer. As redes de contatos pessoais construídas pelo autor, profundamente vinculado ao Japão como país de seu maior interesse e pelo qual nutria forte admiração, fez com que tanto a metodologia como os conceitos de trabalhos produzidos por universidades alemãs se difundissem por diferentes setores de classes politicamente influentes do Japão. O resultado foi que uma das hipóteses de Haushofer, i.e., a construção de uma zona de co-prosperidade asiática,

repercutisse nas altas esferas da política japonesa, tornando-se mesmo um objetivo declarado da política externa a partir de 1941.

Entretanto, corre-se o risco de superestimar o papel histórico deste autor caso fosse ele visto como o maior responsável pelo processo de transmissão do conhecimento geopolítico entre os dois países. Antes, é preciso ter em conta o significado das políticas expansionistas das grandes potências nas décadas entre 1920 e 1940 para se compreender a adequação do pensamento geopolítico a um “espírito do tempo” que pré-existe a ele. Dito de outra maneira, não se trata de considerar que os estudos de geopolítica levaram primeiro os acadêmicos e, num segundo momento, a classe política japonesa a agir como agiram, mas sim reconhecer como a evolução desses estudos pôde se ajustar às circunstâncias históricas dadas. Neste aspecto repousa tanto o sucesso da difusão internacional do método geopolítico alemão no Entre-Guerras como no seu justificável ostracismo no pós-Segunda Guerra Mundial.

Referências

- AKIRA, Ikura. “The “Yellow Peril” and its influence on Japanese-German relations”. In: SPANG, Christian (Org.). **Japanese-German relations, 1895-1945: war, diplomacy and public opinion**. New York: Routledge, 2006.
- CHO, Joanne et al. “German-Japanese relations from Meiji to Heisei – A case of entangled history”. In: CHO, Joanne et al (Orgs.). **Transnational encounters between Germany and Japan**. New York: Palgrave Macmillan, 2016.
- COSTA, Wanderley. **Geografia política e geopolítica**. São Paulo: Edusp, 2008.
- DITTMER, Jason e SHARP, Jo. **Geopolitics: an introduction reader**. New York: Routledge, 2014.
- DUSSOUY, Gérard. **Les Théories géopolitiques –Traité de relations internationales (I)**. Paris: L’Harmattan, 2006.
- FUKUSHIMA, Yokiko. “Japanese geopolitics and its background - What is the real legacy of the past?” **Political Geography**, Vol. 16, N. 5, p.407-421, 1997.
- HAUSHOFER, Karl. **De la géopolitique**. Paris: Fayard, 1986.
- LOSANO, Mario. “Karl Haushofer (1868-1946): o pai da geopolítica europeia”. **Verba Juris**, ano 7, n.7, jan./dez. 2008.
- MELLO, Leonel. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Edusp, 1998.
- SHIBATA, Yoichi. “Ideas and practices of the Kyoto School of Japanese Geopolitics”. In: TOSHIYUKI, Shimazu (Org.). **Languages, Materiality, and the Construction of Geographical Modernities: Japanese Contributions to the History of Geographical thought**, vol.10, p.55-69, mar. 2014.

SPANG, Christian. Karl Haushofer re-examined –Geopolitics as a factor of Japanese-German rapprochement in the inter-war years? In: SPANG, Christian (Org.) **Japanese-German relations, 1895-1945: war, diplomacy and public opinion**. New York: Routledge, 2006.

SPANG, Christian e WIPPICH, Rolf-Harald. “Introduction –from “German Measies” to “Honorary Aryans”: an overview of Japanese-German relations until 1945”. In: SPANG, Christian (Org.). **Japanese-German relations, 1895-1945: war, diplomacy and public opinion**. New York: Routledge, 2006.

TAKEUCHI, Keiichi. “Japanese geopolitics in the 1930s and 1940s”. In: DODDS, Klaus e ATKINSON, David. **Geopolitical traditions – A century of geopolitical thought**. New York: Routledge, 2000.

_____. “Geopolitics and geography in Japan reexamined”. **Hitotsubashi Journal of Social Studies**. Vol. 12, N.1 (12), Novembro 1980, p.14-24.

TETSURO, Kato. “Personal contacts in Japanese-German cultural relations during the 1920s and early 1930s”. In: SPANG, Christian (Org.) **Japanese-German relations, 1895-1945: war, diplomacy and public opinion**. New York: Routledge, 2006.

WIPPICH, Rolf-Harald. “Japan enthusiasm in Wilhelmine Germany: the case of the Sino-Japanese War, 1894-5”. In: SPANG, Christian (Org.). **Japanese-German relations, 1895-1945: war, diplomacy and public opinion**. New York: Routledge, 2006.

Recebido em março de 2018

Publicado em julho de 2018.